

EDUARDO MENDEZ ALCANTARA

**VERDADE OU DESAFIO ?
A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES SEXUAIS NA 5ª SÉRIE "A" DO
COLEGIO ESTADUAL BOM PASTOR**

Monografia apresentada à Disciplina Seminário de Monografia como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física, do Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

Turma Y. Professor Iverson Ladoeiro

**CURITIBA
2002**

EDUARDO MENDEZ ALCANTARA

**VERDADE OU DESAFIO ?
A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES SEXUAIS NA 5ª SÉRIE "A" DO
COLEGIO ESTADUAL BOM PASTOR**

Monografia apresentada à Disciplina Seminário de Monografia como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física, do Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Maria Regina Ferreira da Costa



**CURITIBA
2002**

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

Aos integrantes do projeto Relações de gênero nas aulas de Educação Física: Andréa de Lara, Andréa Scheschowitsch, Ângelo, Ariane, Fernando, Leôncio, Maria Regina, Mylena e Rogério.

À orientadora Maria Regina.

Às professoras Eliane e Lúcia do Colégio Estadual Bom Pastor.

Aos alunos/as da UTP que fizeram estágio no Bom Pastor.

Aos funcionários/as e alunos/as do Bom Pastor.

Ao Agripino Alves, Alex Fraga, Astrid Baecker, Fabiano Sottomaior, Humberto Inácio, Kelly Cristina, Luciano Gurski, Luiz Torrens, Marcelo Neier e Michaela Camargo por terem contribuído com o desenvolvimento desta monografia.

Agradeço à Universidade Federal do Paraná por:

Financiar parte das minhas viagens para os encontros regionais e nacionais de estudantes de Educação Física que aconteceram nas cidades de Santa Maria (RS), Vitória (ES) e Seropédica (RJ).

Proporcionar a realização de cursos de informática gratuitos no CCE (Centro de computação eletrônica) e no Hospital de Clínicas (CETAI).

RESUMO

Este estudo teve como finalidade investigar como as aulas de Educação Física e o recreio contribuem para a construção da identidade sexual dos alunos/as da 5ª série "A" do Colégio Bom Pastor na cidade de Curitiba - PR. Formulei as seguintes questões norteadoras: Quais conteúdos foram desenvolvidos nas aulas de Educação Física ?; O que os meninos pensam quando realizam aulas de Educação Física com as meninas ?; O que as meninas pensam quando realizam aulas de Educação Física com os meninos ?; Como foi a ocupação do ginásio antes do início da primeira aula do dia ?; Quais brincadeiras foram realizadas no recreio ? Como os artistas famosos influenciam as meninas ? Neste estudo lancei mão da metodologia qualitativa de estudo de caso através de observação das aulas, entrevistas, conversas informais e fotos das alunas e alunos durante a aula de Educação Física e o recreio. Verifiquei que as identidades diferentes são marcadas através dos apelidos e que a brincadeira verdade ou desafio está diretamente relacionada com a sexualidade.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	ii
RESUMO	iii
1 INTRODUÇÃO	1
1.2 PERGUNTAS NORTEADORAS	2
2 REVISÃO DE LITERATURA	3
2.1 GÊNERO E A CONSTRUÇÃO DE DOIS PÓLOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ...	3
2.2 A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES SEXUAIS.....	7
2.3 GÊNERO E O COTIDIANO ESCOLAR	11
3 DIA-A-DIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E RECREIO NO COLÉGIO ESTADUAL BOM PASTOR	14
4 METODOLOGIA	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

Um dos motivos que me fez interessar por este estudo foi minha participação no ano de 2000 no projeto Relações de Gênero nas Aulas de Educação Física. E quando tive a oportunidade de ir à Escola Semiramis de Barros Braga passei observar o comportamento de meninos e meninas de uma turma de quinta série, pude perceber que os meninos ficavam em um lado na sala de aula e as meninas no outro lado.

Ao aprofundar meus estudos nas questões de gênero foi possível entender que nas Educação Física, as aulas separadas por sexo são defendidas pelos tecnicistas que privilegiam o rendimento, a produtividade e consideram o aspecto motor como o objetivo mais importante.

Fui observando na literatura que apesar da mulher poder praticar certas atividades físicas, ela não podia praticar alguns esportes que eram reservados aos homens. Isto tudo me intrigou e fui a busca de uma explicação para tal fato e comecei a me perguntar porque a sociedade procura formar dois pólos, isto é, em um dos pólos são colocadas as características das mulheres e no outro pólo são colocados os comportamentos que a sociedade espera que o homem tenha. Esses comportamentos são construídos pela sociedade, isto é, não são naturais. Se a pessoa não apresentar as características do seu pólo, esta passa a apresentar uma identidade marcada, problemática.

Nas aulas de Educação Física vamos encontrar alunos/as diferentes que vão apresentar características que não foram eleitas pela sociedade como norma. Neste sentido, vou entendendo que as diferenças precisam ser respeitadas e todos/as merecem receber atenção.

Para a realização deste estudo fundamento a revisão de literatura nos seguintes autores/as: SOUZA (1994) que realizou uma pesquisa histórica na cidade de Belo Horizonte através da história oral, com depoimentos escritos, retratando o ensino da Educação Física de 1897 a 1994. A autora busca compreender as relações de gênero nas aulas de Educação Física no 1º, 2º e 3º grau. LOURO (1997) trata dos conceitos da categoria gênero. FRAGA (2000) investigou as aulas de Educação Física de uma

turma de oitava série da cidade de Cachoeirinha (RS). Este autor analisou como o bom-moço e a boa-moça são construídos através da influência da escola, igreja católica e família. FELIPE (2000) pesquisou como os manuais de boa conduta do século XIX exerciam vigilância em torno dos comportamentos de meninos e meninas. ALTMANN (1999) estudou as aulas de Educação Física, os recreios e os jogos olímpicos de quatro turmas de quinta série de uma escola da rede municipal de Belo Horizonte. As autoras estudaram como meninos e meninas ocupavam o espaço físico da escola e como era a participação nos esportes.

Minha experiência e a leitura dos autores/as citados me levaram a perguntar:

Como as aulas de Educação Física e o recreio contribuem para a construção da identidade sexual dos alunos/as da 5ª "A" do Colégio Estadual Bom Pastor ?

1.1 PERGUNTAS NORTEADORAS

- Quais conteúdos foram desenvolvidos nas aulas de Educação Física ?
- O que os meninos pensam quando realizam aulas de Educação Física com as meninas ?
- O que as meninas pensam quando realizam aulas de Educação Física com os meninos ?
- Como foi a ocupação do ginásio antes do início da primeira aula do dia ?
- Quais brincadeiras foram realizadas no recreio ?
- Como os artistas famosos influenciam as meninas ?

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 GÊNERO E A CONSTRUÇÃO DE DOIS PÓLOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Nesta parte trato dos conceitos de gênero, abordando a divisão binária que ocorreu na Educação Física na primeira metade do século XX devido a influência da igreja, do Estado e da classe médica. Mostro como a Educação Física foi influenciada pela eugenia.

“Gênero é construção cultural dada num momento histórico determinado e numa cultura determinada” (BORDIN; GROSSI, p.128, 1995).

“... o termo gênero – torna-se uma forma de indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres” (SCOTT, 1995, p. 75).

A construção social é instável e permanente já que existem modificações ao longo do tempo. Então, precisamos estar atentos pois os comportamentos de homens e mulheres vão variar conforme a sociedade e o período histórico.

Por exemplo, no Brasil, na década de 50, um dos objetivos que deveria ser alcançado pela mulher era o casamento. Se a mulher não casasse, era discriminada e taxada de enalhada, solteirona. E ainda, a virgindade deveria se manter até o matrimônio. “ Ser mãe, esposa, e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres. Na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina” (BASSANEZI, p. 604, 1997).

O grande problema é que criam-se dois pólos: em um dos pólos são colocadas as características das mulheres e no outro pólo são colocados os comportamentos que a sociedade espera que o homem tenha. Os pólos são rígidos e, por exemplo, um homem pode ter sua identidade questionada se tiver uma característica que não está no seu pólo. E quando uma pessoa tem um comportamento que está no outro pólo, está ocorrendo um cruzamento de fronteiras.

Veja o que aconteceu com o prefeito Norbert Lindner de Quellendorf (Alemanha) ao cruzar uma fronteira de gênero, em setembro de 1998:

...numa pequena cidade da Alemanha, o prefeito, algum tempo depois de eleito, assume publicamente uma nova identidade de gênero. Ele agora apresenta-se como mulher e comunica sua intenção de completar essa transformação através de processos médicos, especialmente cirúrgicos. A cidade inicia um movimento para destituí-lo pois, na opinião de grande parte da população, ele é agora “outra” pessoa. Seus eleitores sentem-se enganados e com o direito de anular sua escolha, pois ele transgrediu uma fronteira considerada intransponível e proibida (LOURO, 1999, p.12).

Na Educação Física também observamos a polarização das atividades no Brasil do século XX. Neste sentido, a mulher não podia praticar certos esportes já que a classe médica, juristas e a igreja acreditavam que a reprodução da mulher poderia ser comprometida.

Mais especificamente em Belo Horizonte nas décadas de 20, 30 e 40, além da igreja e do ordenamento jurídico, os médicos vão exercer grande influência na construção da moral daquela sociedade. Os médicos incentivavam a prática da natação nas escolas e nos clubes. As mulheres passaram a utilizar maiôs e a igreja católica condenou essas vestimentas (SOUZA, 1994). A discriminação das mulheres nadadoras é relatada pelo professor de natação do Minas Tênis Clube:

Em todos os templos de Belo Horizonte - principalmente aos domingos - os celebrantes fazem veementes ataques ao Minas Tênis Clube e à natação feminina. A prática do esporte, somado à exiguidade dos trajes de banho, contraria a muitos setores tradicionais e tradicionalistas. Nem dos colégios femininos da capital as alunas são simplesmente proibidas de entrar no Minas Tênis Clube, vestidas com o uniforme do mesmo. Em, outro, entretanto, sua direção vai mais longe. Ameaça suspender de aulas as moças que praticarem natação (SOUZA, 1994, p. 90).

Se de um lado a igreja condena a visualização do corpo da mulher, o Estado apóia a atitude dos médicos e repreende os colégios que ameaçavam as alunas (SOUZA, 1994).

Ao mesmo tempo que os médicos incentivavam a prática da natação pelas mulheres, outros esportes não foram recomendados pela categoria. O médico Francisco Velloso Meimberg, médico do Minas Tênis Clube nas décadas de 30 e 40 revelou: “As meninas naquela época, não jogavam basquetebol, nem futebol - esse nem pensar. Não eram aconselhados pelos médicos porque possibilitavam doenças nos seios e no útero. Isso era o que diziam os conhecimentos científicos e, muito tabu, também” (SOUZA, 1994, p. 95). Além de exercerem a profissão, os médicos no século

XIX escreviam para jornais e tornam-se escritores. O médico torna-se uma pessoa muito respeitada, pois utiliza métodos científicos. “Os médicos passam então a advogar o direito de opinar sobre os mais diferentes temas, principalmente sobre aqueles que consideravam mais fundamentais para a manutenção de uma determinada ordem social. Em função disso, vão tratar de assuntos que ultrapassam o domínio mais restrito da saúde e da doença, convertendo-se em verdadeiros especialistas da sociedade” (ROHDEN, 2001, p. 114).

A eugenia¹ foi um dos objetivos a serem alcançados pela Educação Física no Brasil. Para se atingir um bom padrão eugênico, os meninos precisavam ser fortes. Já as meninas tinham que manter os gestos graciosos e ainda, tinham que ser fortes para poderem ter uma maternidade saudável (FRAGA, 2000).

“Destinava-se, portanto à Educação Física, nessa questão da eugenia da raça, um papel preponderante. O raciocínio era simples: mulheres fortes e sadias teriam mais condições de gerarem filhos saudáveis, os quais, por sua vez, estariam mais aptos a defenderem e construir a Pátria, no caso dos homens, e de se tornarem mães robustas, no caso das mulheres” (CASTELLANI FILHO, 1988, p. 56).

Na verdade, além de suprir o mercado de trabalho livre com mão-de-obra barata, as elites brasileiras, inspiradas pelas teorias eugenistas que se formularam na Europa e nos Estados Unidos, preocupavam-se profundamente com a formação do “novo trabalhador brasileiro”, cidadão da pátria, disciplinado e produtivo - e, evidentemente, dedicavam muitas horas discutindo “o embranquecimento e o fortalecimento da raça”. Muitos esforços para que as imigrantes viessem predominantemente de países europeus, e “não da Ásia, nem da África, conforme afirmaram os defensores dessa tese (RAGO, 1997, p. 582).

Neste sentido, também é importante observar que Rui Barbosa apresentou em 1882 um projeto que ressalta a importância da maternidade: “O parecer recomenda a instituição de uma seção especial de ginástica em cada escola primária de todos os graus, tendo em vista, em relação à mulher, a harmonia das formas femininas e as exigências da maternidade futura” (ROSEMBERG, 1995, p. 280). A lei de 1977 revela

¹ Eugenia é a “...ciência ou disciplina que tem por objeto o estudo das medidas sociais - econômicas, sanitárias e educacionais que influenciam, física e mentalmente, o desenvolvimento das qualidades hereditárias dos indivíduos e, portanto, das gerações...” (AZEVEDO, apud CASTELLANI FILHO, 1998, p. 55). Eugenia é “...a procriação planejada dos melhores indivíduos” (WEEKS, 1999, p. 53).

que a prática da Educação Física é facultativa para as alunas que tenham filhos/as (CASTELLANI FILHO, 1988).

“Ao facultar à mulher com prole, o direito de isentar-se da Educação Física, obrigatória em todos os níveis e ramos de escolaridade, por força do Decreto-lei número 705/69, deixa transparecer o pensamento de que a educação da prole é de responsabilidade única e exclusiva das mães. Caso o entendimento fosse outro, “homem com prole” também deveria merecer o mesmo tratamento oferecido à mulher” (CASTELLANI FILHO, 1988, p.65 e p. 66).

A lei quer mostrar que a mulher tem que cuidar dos filhos. Contudo, acredito que o fato de a mulher ter filhos não vai impedir que a mesma possa realizar as aulas de Educação Física. Neste sentido, a lei está equivocada.

Segundo ROSEMBERG (1995), o decreto-lei de 3199 de 1941 considerou que alguns esportes (futebol, futebol de salão, rúgbi, halterofilismo, pólo aquático, beisebol, futebol de praia, pólo e lutas de qualquer natureza) não poderiam ser praticados por mulheres. Em 1938, a igreja católica não concordava que as mulheres praticassem determinados esportes: “Além disso não era favorável à prática, pelo sexo feminino, de exercícios físicos violentos como saltos à distância, transporte e arremessos de pesos, defendendo para as alunas a ginástica rítmica” (ROSEMBERG, 1995, p. 283).

Durante a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da mulher em 1976, Iris de Carvalho e Maria Lenk exigem a revogação da lei de 1941. Iris de Carvalho também solicita que a mesma atividade esportiva de uma competição assim como os prêmios das mulheres sejam iguais aos dos homens (ROSEMBERG, 1995).

Também é importante ilustrar que a lei de 1941 proibia que as mulheres praticassem lutas de qualquer natureza, o presidente da Confederação Brasileira de Judô, em 1979, registrou suas atletas com nomes masculinos para poderem viajar para um campeonato sul-americano de Judô na Argentina. É neste mesmo ano de 1979 que a lei de 1941 é revogada (ROSEMBERG, 1995).

2.2 A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES SEXUAIS

Neste tópico apresento como a identidade normal torna-se referência e como as identidades marcadas são discriminadas. Mostro que alguns setores da sociedade como a Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro já estão reconhecendo a união homossexual garantindo assim a pensão de um funcionário público depois da morte de um companheiro.

A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente uma identidade específica como parâmetro em relação à qual outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem se quer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade (SILVA, apud FELIPE, 2000, p. 119).

Existe uma identidade considerada normal – criada por uma sociedade, não natural – que ocupa um lugar de destaque. Esta apresenta os comportamentos que são aceitos por uma sociedade. Deste modo, então, identificam-se as características de uma pessoa. Logo, tenta-se classificá-la: pretendemos dizer o que ela é o que ela não é. As características da pessoa que estão sendo analisadas vão sendo comparadas com a identidade normal. Deste modo, então, verifica-se se as características são iguais ou diferentes. Se existir alguma diferença, a identidade torna-se marcada. As características que vão ser eleitas para serem comparadas vão variar conforme a sociedade. Logo, é necessário compreender porque certas características foram escolhidas (LOURO, 2000).

...seria pertinente, antes de tudo, indagar sobre os significados que, neste momento e nesta cultura, estão sendo atribuídos a uma dada aparência corporal ; seria importante indagar sobre os processos históricos e culturais que possibilitaram que determinadas características se tornassem tão especiais; sobre os processos que permitiram, finalmente, que certas características passassem a “valer mais” do que outras. Porque no fundo, é disso que se trata: não é possível ignorar que no processo de atribuição de identidades (e, ao mesmo tempo, de atribuição das diferenças) está em ação um jogo de poder (LOURO, 2000, p. 62).

No Brasil, operamos, explícita ou implicitamente, com uma identidade referência: o homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão. As outras identidades são

constituídas, precisamente, como “outras” em relação a essa referência; em relação à identidade que, por se constituir na norma, no padrão e critério, goza de uma posição não-marcada ou, em outros termos, é representada como “não-problemática (LOURO, 2000, p. 68).

Segundo LOURO (1997), a sociedade procura “fabricar” a identidade de um sujeito heterossexual na escola através do silêncio. O fato de não se discutir a temática homossexualismo (manter a ignorância) é uma estratégia para que a norma (ser heterossexual) seja mantida. Ser homossexual não é natural e é considerado um desvio pois seus comportamentos são diferentes dos aceitos pela sociedade. Então, ocorre uma vigilância e o aluno homossexual acaba tendo que esconder ou camuflar seus sentimentos para não ser discriminado. “Há ainda uma difícil barreira de sentido a superar: para que um/a jovem possa vir a se reconhecer como homossexual, será preciso que ele/ela consiga desvincular gays e lésbicas dos significados a que aprendeu a associa-los, ou seja, será preciso deixar de perceber-los como desvios, patologias, formas não-naturais e ilegais de sexualidade” (LOURO, 1997, p. 83).

...toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não-finalizada” (BRITZMAN, 1996, p. 74). Essa identidade que está em constante transformação é explicada pela teoria do construcionismo social que revela que a cultura vai influenciar na identidade sexual (LOURO, 2000).

Essa construção social é influenciada significativamente por alguns setores como a igreja, a medicina, a escola, a família e a legislação estatal. Livros e cartilhas que foram publicadas no século XIX vão contribuir a construção da identidade sexual da época: o guia das escolas maristas vai exercer um vigilância sobre a heterossexualidade:

Desta forma, não era permitido aos meninos andarem juntos, em pequenos grupos, nem mesmo manterem conversas isoladas no pátio, pois, de acordo com o Guia, não poderia haver nada de edificante na conversa entre dois ou três meninos que se afastam dos demais. Havia ainda a separação entre pequenos e grandes, bem como a proibição de contato físico com outro menino. Outra recomendação importante referia-se à proibição de manterem as mãos nos bolsos, numa alusão muito clara à possibilidade de masturbação (FELIPE, 2000, p. 118).

O livro Código do Bom-Tom ou regras da civilidade de bem viver, que foi escrito no século XIX, também procurava afastar a homossexualidade: A mulher, triste ou alegre, precisa controlar seus sentimentos ou deve mostrá-los de forma discreta. A menina não pode ter um grande número de amigas sendo que os beijos e os abraços entre as amigas devem ser evitados (ROQUETTE, apud FELIPE, 2000).

Podemos observar na literatura que no século XVII, XVIII, a cultura médica vai influenciar a sexualidade já que vão ser construídos pensamentos que vão estimular a reprodução sem que haja prazer nas relações sexuais (LAQUEUR, apud FRAGA, 2000). Isto fica evidenciado quando observamos nos escritos que o clitóris, para os médicos, era uma parte do corpo da mulher que servia essencialmente para proporcionar prazer. Como a relação sexual não deveria estar relacionada com o prazer e sim com a reprodução (produção de um filho (a) saudável), o clitóris era uma ameaça (FRAGA, 2000). A citação a seguir revela como o corpo e o comportamento da mulher é controlado:

E se inicia uma durável preocupação com a puberdade feminina – a passagem para a fase reprodutiva evidenciada pelo aparecimento da menstruação. Chegada a puberdade, começa também a fase sexual da mulher, que deve ser controlada, visando ao casamento. O medo da masturbação e da ninfomania se instaura. Ao mesmo tempo (em torno de 1800), se concebe a idéia de frigidez feminina e conseqüente entendimento que o prazer feminino não era necessário para a procriação (ROHDEN, 2001, p. 104).

O rompimento do modelo tradicional é considerado uma afronta à sociedade conservadora, machista, enfim tradicional. Agora quando o homossexual não precisa mais esconder seus sentimentos, atitudes, ele está saindo do armário. Existe a expressão *come out of the closet*, que significa um ato no qual uma determinada pessoa torna pública sua preferência homossexual (BRITZMANN, 1996).

Os jovens gays e as jovens lésbicas devem aprender a esconder significados codificando significantes de forma que as práticas gays e lésbicas sejam ocultadas daqueles que a consideram inaceitáveis. Ao mesmo tempo, esses códigos devem também se tornar inteligíveis para aquelas pessoas que fazem parte das comunidades gay e lésbica. Expressando de forma mais simples, os códigos se tornam disponíveis para aquelas pessoas com o conhecimento e o desejo para lê-los (BRITZMAN, 1996, p. 82).

Avanços no pensar da sociedade são alcançados principalmente porque o novo código civil entrará em vigor em 11 de janeiro de 2003. Este traz inúmeras modificações: por exemplo, a maioria civil passa de 21 anos para 18 anos. Em alguns casos o novo código propicia a igualdade entre o homem e a mulher: com relação a guarda dos filhos, a guarda é do cônjuge que “tiver melhores condições” de exercer a guarda. Atualmente, a guarda é da mulher, exceto em casos particulares (COSSO; GIRALDI; SUWWAN, 2002).

“Apesar de aproximar mais a legislação dos costumes dos brasileiros, o governo e a comunidade jurídica já prepararam projetos de lei para atualizar o texto do novo código civil, que não trata do comércio eletrônico, de experiências genéticas, da responsabilidade civil nas relações de família e da união civil entre pessoas do mesmo sexo, entre outros assuntos polêmicos” (COSSO; GIRALDI; SUWWAN, 2002, p. c3).

Toda esta reformulação advém dos movimentos sociais organizados que lutam pelos seus direitos.

Ainda que o antigo e o novo código civil não mencionem a união civil entre homossexuais, ela já está sendo reconhecida por alguns setores da sociedade. Assim, cria-se uma relação de parentesco e os direitos de família passam a valer tanto para casais heterossexuais como para os casais homossexuais.

A Assembléia Legislativa do Rio aprovou ontem um projeto de lei que dá aos funcionários públicos homossexuais o direito de deixar pensão para o companheiro ou companheira. A pensão é concedida aos dependentes quando o funcionário público morre. O projeto aprovado, de autoria dos deputados Carlos Minc (PT) e Sérgio Cabral (PMDB), inclui na lei sobre pensão dos servidores do Estado e do Município do Rio um parágrafo dando ao homossexual o mesmo direito do heterossexual. Na identificação do companheiro homossexual, vale o mesmo critério definido para o heterossexual: comprovação de relação estável até a morte do segurado, atestada por testemunha (ESCÓSSIA, 2001, p. c1).

O projeto teve 11 votos contrários. No jornal aparecem depoimentos de deputados que votaram contra: Carlos Dias (Renovação Carismática da Igreja Católica) e José Divino (Igreja Universal do Reino de Deus – Igreja Evangélica) (ESCÓSSIA, 2001). Isto demonstra que mesmo com a aprovação da lei existem setores conservadores da sociedade que não aceitam as novas formas de união devido a moral religiosa.

2.3 GÊNERO E O COTIDIANO ESCOLAR

Neste capítulo e no posterior serão descritas situações que ocorreram em quatro turmas de quinta série de uma escola de Belo Horizonte e em uma turma de oitava série de uma escola de Cachoeirinha (região metropolitana de Porto Alegre).

A Escola Municipal Maria Fausta Teixeira de Cachoeirinha, desde 1997, tem aulas de Educação Física mistas. As aulas de Educação Física, devido ao pouco espaço que a escola disponibilizava para essa disciplina, realizavam-se em uma praça pública que se situava bem perto da escola (FRAGA, 2000). Antes de 1997, as aulas de Educação Física eram separadas por sexo: os meninos tinham aula com um professor e as meninas tinham aula com uma professora (FRAGA, 2000).

Em Belo Horizonte, meninos e meninas tinham estratégias para conquistar seus espaços: as meninas respeitavam as normas escolares enquanto que os meninos as desrespeitavam. Essas estratégias podem ser visualizadas principalmente um pouco antes do início da aula. A professora solicitou que meninos e meninas guardassem suas mochilas e sentassem para aguardar a chamada. Os meninos não paravam: corriam e trocavam socos entre si. Já as meninas eram mais comportadas (ALTMANN, 1999 a). Em outro momento, o comportamento diferenciado se repetiu: “Devido à chuva daquele dia, a professora levou a turma para a sala de vídeo e explicou que poderiam escolher entre dançar, jogar dama, jogo de prego ou tazo. Enquanto ela tentava organizar a aula, os meninos corriam dispersos, faziam estrelinha, brigavam um com o outro enquanto todas as meninas aguardavam sentadas pelo início das atividades programadas” (ALTMANN, 1999 a, p. 163).

Nas fichas nas quais eram registradas as infrações (chegar atrasado, gazar aula, brigar) cometidas pelos alunos, os meninos tinham muito mais ocorrências que as meninas. As meninas só tinham mais ocorrências que os meninos em um item: problemas com o uniforme (ALTMANN, 1999 a).

É interessante assinalar uma situação em que as meninas violam a norma mas somente quando a professora está em um outro espaço. A observadora estava no espaço e relatou o fato da seguinte maneira: “Ficamos a sós na sala, as meninas e eu, e

a porta fechada. Elas foram se levantando e uma delas pediu-me para colocar música. Tão logo liguei o som, algumas começaram a correr de um lado para outro da sala pulando e batendo com os dois pés contra as paredes” (ALTMANN, 1999 a, p. 163).

Em Cachoeirinha, as atividades gimno-rítmicas fizeram parte do conteúdo da aula de Educação Física. No início das aulas, a professora ficava na frente da turma e ensinava os passos que deveriam ser repetidos pelos alunos. A disposição da turma era a seguinte: meninas ficavam na frente enquanto que os meninos ficavam atrás das meninas (FRAGA, 2000). Com o passar tempo, a metodologia da aula passou a ser essa: formavam-se pequenos grupos que criavam algum passo que seria, em um outro momento, repassado para o grande grupo. “Os meninos passaram então a realizar o exercício de uma forma “desengonçada”, “naturalmente” desajeitada, na qual procuravam deixar evidente que essa solicitação corporal não era correspondente à “verdadeira” habilidade masculina” (FRAGA, 2000, p. 120).

Os meninos mudaram um pouco de comportamento e passaram a se envolver mais com as atividades gimno-rítmicas. Os meninos mostraram resistência ao se depararem com o conteúdo dança. Talvez, eles consideravam que esse fosse um conteúdo exclusivo das meninas. E se eles praticassem, poderiam ser taxados de mariquinhas ou homossexuais. Contudo, pode ser abordado um outro enfoque: os meninos podiam estar mais retraídos pelo fato de o conteúdo ser novo e ser totalmente diferente dos esportes tradicionais que são ensinados pela escola.

Em Cachoeirinha e em Belo Horizonte, duas situações semelhantes ocorreram:

Essa sensação ficou mais explícita no dia em que os guris jogaram com as gurias na presença de alguns amigos mais velhos, que inclusive eram ex-alunos da própria escola. Aparentemente os meninos da turma estavam menos à vontade do que o habitual. Em um determinado momento do jogo, um deles sofreu um gol marcado por uma das meninas. Isto provocou imediata “gozação” dos ex-alunos. O menino tentou reparar a situação dizendo que tinha deixado a bola passar para “equilibrar” o jogo. Entretanto, o fato é que não conseguia reconhecer o mérito da jogada muito bem executada por ela (FRAGA, 1998, p. 65).

Certa aula, as meninas jogavam vôlei e queimada e os meninos futebol. Aline dirigiu-se para a quadra de futebol, mas os meninos não queriam deixá-la jogar, argumentando que havia muita gente. Vendo que ela não desistia da idéia, Robson disse: “Você vai catar, então”, ou seja, Aline seria goleira. Ela não aceitou a imposição, ficou por ali até um deles consentir sua participação. Durante o jogo, quando roubou a bola dos pés do Marcelo, Robson prontamente

gritou: “Pra menina, Marcelo! Pra menina!”. Logo mais Aline fez um gol e, ao término da partida, outro menino fez o seguinte comentário a um colega: “Só você não fez gol. Até Aline fez!” (ALTMANN, 1999 b, p.114).

Para os meninos, possuir menor habilidade no futebol que as meninas foi uma situação constrangedora. Um menino que tem um desempenho considerado inferior por outros colegas, ao ser comparado com uma menina, acaba sendo criticado por outros colegas.

Para a sociedade em geral existem dois pólos: o comportamento das meninas deve estar inserido em um universo enquanto que o comportamento dos meninos está em outro. Então cria-se uma divisão binária. E quando uma menina se insere no outro universo do menino (e vice-versa), ocorre um cruzamento de fronteiras. “A transgressão de fronteiras generificadas resultará provavelmente no questionamento social da identidade do/a transgressor/a, bem como na penalizante insistência de que formas de masculinidade e feminilidade devem ser estabelecidas como rigidamente opostas, como desvinculadas do processo de construção social” (BRITZMANN, 1996, p. 76).

No colégio de Belo Horizonte, existia uma divisão no recreio: “(...) a ocupação das quadras esportivas era diferenciada por gênero: nas de queimada, meninos e meninas jogavam juntos e, nas duas quadras poliesportivas, meninos jogam futebol” (ALTMANN, 1999 b, p. 113). E lá existiu o cruzamento de fronteiras. Em um recreio, as meninas, estrategicamente, chegaram mais cedo na quadra. Organizaram-se, formaram dois times de futebol e jogaram durante o recreio. Os meninos ficaram ao redor da quadra e surgiu um impasse: eles também queriam participar. Pelo texto de Helena Alltmann, não consegui descobrir como terminou essa estória. Mas ela menciona que as meninas eram chamadas de Maria-Homem durante o jogo (ALTMANN, 1999 b).

3 DIA-A-DIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E RECREIO NO COLÉGIO ESTADUAL BOM PASTOR

Na 5ª "A" do Colégio Estadual Bom Pastor os conteúdos desenvolvidos nas aulas de Educação Física foram: esportes (atletismo, futebol, basquete, vôlei e handebol), brincadeiras e dança.



Foto um: a 5ª "A" realizando brincadeira tradicional infantil (roda cotia) na aula de Educação Física.

Em algumas aulas do mês de maio, duas atividades foram oferecidas e a escolha ficava a cargo do aluno. A dança foi inserida com o objetivo de montar uma coreografia para a festa junina. Dois meninos escolheram a dança e a maioria dos meninos escolheu o futebol. A maioria das meninas escolheu a dança e poucas escolheram o futebol.

Percebi que um dos motivos que inibiu a participação de alunos/as na dança pode ser o fato de que a coreografia foi apresentada para um grande público. Acompanhe os depoimentos:

“eu participei da dança só que no dia da apresentação eu não fui. Porque eu tinha vergonha. Tinha muita dança , muita dança mais legal do que a nossa. E tinha muita gente olhando (menina)”.

“Não gosto de dançar. Não levo jeito. Sou bem descordenado para dançar. Eu ia participar uma vez só que eu faltei: fiquei com vergonha (menino)”.

Um menino prefere realizar atividades com os meninos porque eles sabem jogar melhor que as meninas. Já três meninas destacam que a possibilidade de uma menina sair machucada ao fazer aula com os meninos pode ser um fator que atrapalhe o convívio nas aulas de Educação Física:

“Os meninos acham que as meninas não são muito boas para jogar com elas. E às vezes, as meninas também não gostam de jogar com os meninos porque acham que os meninos vão machucá-las na hora de trocar a bola”.

“Os meninos são muito violentos”.

“Eu não acho nada. Desde que não batam porque são bem mais brutos do que a gente. A gente é mais sensível”.

Já na brincadeira verdade ou desafio ?, que é realizada pelos alunos/as da 5ª "A" , meninos querem participar com as meninas e vice-versa. Situação semelhante aconteceu em Belo Horizonte:

Enquanto jogos esportivos eram motivados por uma rivalidade entre os participantes – criando-se situações de exclusão -, noutros, havia um clima de paquera, para o qual era inevitável que a atividade fosse praticada por meninos e meninas juntos. Em jogos como os de “Pegador”, “Cair no poço”, “Verdade ou consequência” e BBL, meninas e meninos deixavam de ser rivais, assumindo papéis imaginários de namorados e namoradas (ALTMANN, 1999b, p. 114).

Verdade ou desafio? está diretamente ligada a questão da sexualidade. A brincadeira é assim: forma-se um círculo e no centro dele é colocada uma garrafa de plástico. Uma pessoa gira a garrafa e quando ela pára a seguinte situação ocorre: o bico da garrafa vai apontar para uma pessoa e a outra extremidade da garrafa vai estar

apontando para outra pessoa. Um vai perguntar: verdade ou desafio? A outra pessoa vai escolher se quer verdade ou desafio. Se a pessoa escolher desafio ela vai ter que cumprir uma tarefa. Já se a pessoa escolher verdade ela vai ter que responder uma pergunta.

Algumas perguntas formuladas foram estas:

De quem você gosta?

Você tem namorada?

Alguns dos desafios eram estes:

Abraçar um menino da oitava;

Abraçar uma menina da oitava;

Dar um selinho;

Dar um beijo de língua;

Passar a mão na bunda de uma pessoa;

Beijar no rosto;

Ascender e apagar as luzes do colégio;

Pegar tomate e jogar no banheiro do colégio.

Outro exemplo a ser citado é o jogo de bafó que é muito praticado pelos meninos da 5ª "A" no recreio e nas horas vagas. Tive a oportunidade de jogar bafó com os alunos, troquei figurinhas, e foi assim que eles me ensinaram:

Dois ou mais jogadores tiram 2 ou 1 ou par ou ímpar para estabelecer a posição de cada um durante as rodadas. O objetivo é virar as figurinhas dos salgadinhos Elma Chips de lado. Personagens do desenho animado Pokemon vinham estampados nas figurinhas. Neste desenho, monstros do bem enfrentam monstros do mal e o bem sempre vence. Existem diversas formas de se jogar:

- bafão.

- bafinho.

- bico de pato.
- dedinho.
- brinques, brincadeira, não vale: as figurinhas que foram viradas voltam para seus respectivos donos.
- ganhes, vales e valendo: a figurinha pode mudar de dono: quem virar ganha a figurinha.
- catiça: grito que é dado por um jogador no instante que outro está jogando.
- não vale puches: a figurinha não pode ser arrastada.
- com arrumes: as figurinhas podem ser agrupadas.
- sem arrumes: as figurinhas não mudam de lugar.
- quino: quando a figurinha bate em um obstáculo.



Foto dois: alunos da 5ª "A" jogando bafo.

Nas sextas-feiras, antes do início da primeira aula do dia, os meninos – principalmente os mais velhos – jogavam futebol na quadra do ginásio. A sistemática do jogo era a seguinte: duas equipes jogavam entre si e os meninos que iam chegando iam fazendo próxima. O time que vencia continuava jogando. Alguns meninos da 5ª "A" participavam deste futebol. Um menino da 5ª "A" não participava do futebol pois tinha medo de se machucar:

“Se eu participar, se eu for prensar uma bola, eu vou me machucar. Eles são maiores, mais fortes. Uma prensada deles, eu vou pra frente, eu vou com tudo. Eu posso me machucar, quebrar meu braço, cair de mau jeito”.



Foto quatro: meninos jogando futebol no ginásio antes do início da primeira aula.

Na 5ª "A" as identidades marcadas são identificadas através dos apelidos. Uma menina é chamada de nho-nho. No SBT – canal de televisão aberto – passa um seriado chamado Chaves. Dentre as situações que se passam no seriado, existem cenas que são realizadas em uma sala de aula. O professor chama-se Girafalis e um dos alunos é chamado de nho-nho. Durante as entrevistas no colégio procurei saber se os alunos sabiam como os outros alunos do seriado se relacionavam com o nho-nho e como que era o relacionamento entre o nho-nho e o professor girafalis. Percebi que os alunos/as tinham consciência da discriminação que o nho-nho sofria. Veja o que os aluno/as disseram:

“Ele é bem respeitado pelo professor Girafalis e é bem criticado pelos alunos”.

“Chamam ele de gordo, de baleia, de um monte de coisa”.

“O professor Girafalis só elogiava o nho-nho. E os alunos só xingavam”.

Um dos alunos que usa óculos e que é chamado de quatro olho comentou:

“eu não gosto muito. Chateia um pouco, acho estranho. Falo que quatro olho é melhor do que dois.”

“Meninos e meninas aprendem, desde muito cedo, piadas e gozações, apelidos e gestos para atingirem àqueles e àquelas que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade admitidos na cultura em que vivem” (LOURO, 1999, p. 21).

Na 5ª "A", o que estava associado ao número 24 tornava-se motivo de gozação entre os alunos/as. Tinha um menino cujo número de chamada era o 24. E outro menino que nasceu no dia 24. Veja como um dos meninos tratou esses dois colegas:

“ele é profissional, oficial: é porque ele nasceu no dia 24. Esse aqui é amador porque ele é 24 na escola”.

O menino que nasceu no dia 24 estava explicando-me que o jogo do bicho mudou e que agora o veado é o número 11.

Uma situação mostra claramente como o homossexualismo é marcado na escola. Uma menina revelou:

“Eu já fui chamada de lésbica pelas gurias da sexta-série. Foi muito ruim. Eu e a Carmem Lúcia somos muito amigas: a gente tava conversando sobre meninos, sobre como que se chegava em um menino. E as meninas viram a gente fazendo isso e começaram a mentir dizendo que a gente tinha se beijado. Daí pegou uma fama, só quem pegou fama fui eu”.

Em Cachoeirinha, FRAGA também verificou a discriminação em torno da homossexualidade:

“...uma das meninas rabiscava em um caderno que tinha impresso na capa a foto de um jovem ator de telenovela. A colega ao lado fez um pequeno comentário sobre a beleza do rapaz e elogiou a menina pelo bom gosto na escolha. A dona do caderno aproveitou para dizer o seguinte: “é lógico que só podia ser bonito ou tua acha que eu iria colocar uma foto de mulher ? “ A colega respondeu: “Ué! Ihh! Ta me estranhando ? Tu acha que eu ia por fato de mulher na capa ? Deus me livre ! Era só o que me faltava começar a fazer esse tipo de coisa” (FRAGA, 2000, p. 153).

No Bom Pastor é obrigatório utilizar uniforme. Contudo, modificações no uniforme são feitas principalmente pelas meninas. Uma menina da 5ª "A" contou porque que são feitas transformações no uniforme:

“a gente muda o uniforme pra ficar mais bonita, pra ficar mais popular, pra prestarem atenção na gente. E aí todo mundo comenta: olha, aquela menina lá... Os meninos sempre vem com um boné diferente para não ficar dando fora. Tem menino que tem vergonha de vir sem boné. O Billy da sexta série: ele sempre vem com um boné diferente. Mas teve um dia que ele veio sem boné. Sinceramente, é horrível”.



Foto cinco: meninos da 5ª "A". Um deles está usando boné.



Foto seis: calça de agasalho de uma menina da 5ª "A" com duas joaninhas.



Foto sete: calça de agasalho de uma menina da 5ª "A" cortada nas extremidades.

As malas também vão receber modificações:



Foto oito: menina da 5ª "A" que colocou em sua pasta a foto da Banda Back Street Boys.

O grupo Back Street Boys é formado por cinco meninos. Além da Banda Back Street Boys, algumas meninas da 5ª "A" gostavam bastante da dupla Sandy & Júnior.



Foto nove: meninas da 5ª "A" mostram discos da dupla Sandy & Júnior e da Família Lima.

Com relação às fotos que foram tiradas pelos próprios alunos da 5ª "A", algumas revelaram o carinho que as meninas sentiam por meninos mais velhos de outras séries. Duas meninas tiraram fotos de dois meninos de outras séries e revelaram o seguinte:

“Eu tirei foto dele porque ele é muito legal comigo. Ele é bonito, simpático, por isso tudo”.

“Eu tirei foto dele porque ele é muito lindinho”.



Foto nove: Foto tirada por uma menina que revelou: *“Eu tirei foto dele porque ele é muito lindinho”.*



Foto dez: Um menino da 5ª "A" tava com vergonha e pediu que eu tirasse uma foto de uma das meninas.

4 METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho é o estudo de caso qualitativo. Para tanto foram utilizadas observações, entrevistas, conversas informais e fotos. No que se refere às observações atentei para os seguintes apontamentos:

A observação constitui-se um instrumento valioso na pesquisa qualitativa e, nessa situação, se aplica a algum objeto externo, embora possa ser utilizada a partir de diferentes perspectivas. O fundamento básico para definir o tipo de observação a ser utilizada no processo investigatório vai depender, fundamentalmente, da problematização, dos objetivos do estudo. Não há um receituário para a sua utilização. Devemos nos ater aos fatores que podem contaminar uma observação. Comentaremos, a seguir estas questões (NEGRINI, 1999, p.65).

Para que o registro da observação sirva de informação relevante para o processo investigatório, é fundamental adotar-se a seguinte estratégia metodológica:

- o registro das informações deve ser o mais descritível possível (descrição do fato observado);
- o registro não deve conter juízos de valor (descrever sem registrar opiniões meritórias dos fatos observados). Na realidade são dois momentos distintos. Primeiro registram-se os fatos tais como ocorrem para que, posteriormente, possam ser analisados (classificar e categorizar) e interpretados. Deve-se evitar opiniões de mérito ao descrever, porque isso acaba contaminando a observação e prejudicando, sobremaneira, a interpretação. Os pesquisadores que fazem uso da observação devem ter presente que alguns requisitos são fundamentais para o sucesso no registro das informações:
 - ter atenção contínua e seletiva no objeto de estudo;
 - descrever os fatos com objetividade, isto é, evitar o uso de metáforas;
 - apresentar curiosidade frente aos aspectos pouco evidenciados;
 - redefinir os objetivos do estudo, quando for o caso, frente às evidências registradas (NEGRINI, 1999, p. 70 e p. 71).

Optei por acompanhar as aulas de Educação Física da 5ª "A" e o recreio do Colégio Estadual Bom Pastor que fica situado no bairro Vista Alegre da cidade de Curitiba. Iniciei minhas visitas no mês de maio de 2001 e permaneci até o início de dezembro. No começo observava apenas uma das duas aulas de Educação Física que a 5ª "A" tinha na sua grade curricular. Já no segundo semestre, passei a freqüentar as aulas de Educação Física e o recreio nas segundas e nas sextas-feiras.

Além das observações, conversei também com os alunos/as da 5ª "A" e com a professora de Educação Física: conversei informalmente e também realizei entrevistas com o auxílio de um gravador.

as entrevistas como ferramentas de investigação, abrangem desde "entrevistas formais", ou seja, um conjunto de perguntas, passando pelas entrevistas "menos formais", nas quais o entrevistador fica com maior liberdade para modificar a seqüência das perguntas, alterar a redação, explicá-las ou ampliá-las; até as entrevistas completamente "informais" apresentadas como conversação, sem seguir qualquer roteiro (COHEN y MAÑION, apud NEGRINI, 1999, p. 73).

Nos momentos informais não existiam roteiros pré-estabelecidos. Esses diálogos aconteciam sem que houvesse um planejamento. Nas entrevistas não fazia as mesmas perguntas para todos os entrevistados. E dependendo da resposta do entrevistado, realizava uma pergunta que não estava programada para ser feita. Esse tipo de entrevista pode ser caracterizada como sendo despadronizada (não estruturada) focalizada: “ mesmo sem obedecer a uma estrutura formal, preestabelecida, o pesquisador utiliza um roteiro com os principais tópicos relativos ao assunto da pesquisa.” (ANDRADE, 1998, p. 127) Novas perguntas sempre surgiam conforme ia descobrindo novos sentidos e significados.

Com os alunos/as utilizei um roteiro baseado nas seguintes perguntas:

Pode me falar sobre os apelidos ? Você tem apelido ? Gosta do seu apelido?
Como surgiu ?

O que os alunos mais velhos fazem com os meninos da 5ª "A" ?

Assiste ao seriado Chaves ? Como o Nho-Nho é tratado pelos colegas ? Como o nho-nho é tratado pelo professor Girafalis ?

Joga bafó? Faz coleção de figurinhas ?

Gostaria que você falasse sobre as brincadeiras folclóricas. Qual a atividade que seu grupo apresentou ?

Gostaria que você me falasse sobre a brincadeira do desfile:

Nas aulas que antecederam a festa junina, a turma se dividiu em duas: uma parte dos alunos e das alunas foi para o futebol enquanto outra parte foi para a dança. Qual atividade você escolheu ? Por que você escolheu o futebol ? Por que você não escolheu a dança ? Por que você escolheu a dança ? Você já teve o conteúdo dança na 5ª "A", além daquela preparação para a festa junina ? Como foi feita a escolha da música?

Formaram-se duplas em uma aula de basquetebol. Um aluno ou uma aluna quicava a bola e o companheiro ou a companheira tentava pegar a bola. Percebi que a maioria das duplas eram só de meninos ou só de meninas: menino fez com menino e que menina fez com menina. Contudo também existiam duplas mistas. Em outras atividades, a separação de meninos e meninas se repetiu. Gostaria de saber o que você acha de fazer atividades com os meninos ? Gostaria de saber o que você acha de fazer atividades com as meninas ? Tem alguém que te incomoda ? Com quem você não gosta de fazer atividade ?

Na sexta-feira chegava mais cedo. Observei que antes do início da aula, o ginásio era ocupado com meninos que jogavam futebol. Eles são de quais séries ? Você gostaria de estar jogando futebol junto com esses meninos ? Já tentou participar, conversar com os meninos ? Você gostaria de estar fazendo alguma atividade no ginásio antes do início da aula ? E no recreio, como é ocupado o ginásio ?

Alunos ou alunas, aqui no Bom Pastor, são chamados de gay, bicha, veado, sapatão ? Em quais situações ?

Já brincou de casamento atrás da porta no colégio ? Como que é ? E de Verdade ou Desafio ? Como que é ? Quais são as perguntas ou os desafios que são propostos ?

O tema sexualidade é discutido em alguma matéria ?

Já com a professora, o roteiro de entrevista englobava os seguintes temas: brincadeiras tradicionais infantis, campeonato que foi organizado pela professora, uniforme e sexualidade na escola.

Também utilizei duas máquinas fotográficas. Com uma máquina registrava as imagens que julgava importante para a pesquisa. Já a segunda máquina emprestei para alguns alunos/as da 5ª "A". Cada um tinha o direito de tirar uma foto de acordo com seu interesse: o aluno/a tinha total liberdade para escolher sua imagem. Essa atividade era também uma forma de descobrir mais coisas que talvez não pudessem ser percebidas pelas observações ou entrevistas.

Em certos trechos do trabalho optei por inventar outros nomes ao invés de citar o nome do aluno ou da aluna, ou simplesmente cito a palavra menino ou menina para garantir o anonimato. Porém, em algumas fotos os alunos/as podem ser identificados. Contudo, são situações que não ofendem a integridade dos alunos/as.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi muito importante ter a oportunidade de voltar para a escola depois da minha prática de ensino realizada no ano de 2000. Também foi fundamental para o desenvolvimento deste estudo acompanhar as aulas de Educação Física no dia-a-dia da 5ª série "A" do Colégio Bom Pastor. Neste sentido quero deixar registrado que fui muito bem recebido pela comunidade do Colégio.

No ano de 2000 realizei minha prática de ensino - matéria do terceiro ano do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Paraná - juntamente com o aluno José Osmar Klein Júnior e com a professora Natacha Eugenia Janata do Colégio Estadual Semiramis de Barros Braga. Tivemos a oportunidade de mostrar para as crianças de sexta e sétima séries o filme "Boleiros: era uma vez o futebol". Este filme propiciou que discutíssemos a temática racismo. Fiquei bastante contente e percebi que o filme poderia estar inserido no cotidiano das aulas de Educação Física pela forma que foi abordada a discussão. Acredito que os filmes "Billy Elliot" e "Minha vida em cor-de-rosa" também podem ser utilizados para fundamentar as discussões em torno da sexualidade, como por exemplo: cruzamento de fronteiras.

Também sugiro que os livros didáticos de todas as matérias que são utilizados na escola contemplem diversos arranjos familiares. Por exemplo, um conto que tem no livro de português pode apresentar como personagens um casal de homossexuais com filhos adotivos. Tem um livro (sexo...qué es ?) que aborda vários tipos de família:

"Este é o caso, por exemplo, do livro sexo...qué es? (Jarris, 1996). Ali, junto a um texto que fala de "todos tipos de família", são mostradas, através de ilustrações, famílias cuidando de bebês de muitas formas: além de duplas (heterossexuais e homossexuais), aparece uma família constituída pela mãe e seu bebê e uma família constituída por idosos, mais um casal jovem e seus filhos. Os desenhos exibem personagem de diferentes etnias e um dos casais representado traz a mulher numa cadeira de rodas enquanto o homem a observa dando de mamar" (LOURO, p. 135, 1997).

Além disto, podemos ilustrar que com a morte da cantora brasileira Cássia Eller, surgiram novos debates na mídia em torno das questões homossexuais. Cássia

Eller e a companheira Eugênia criavam Chicão, que é filho da cantora. As discussões giravam em torno da guarda do filho e Eugênia acabou conquistando a guarda de Chicão. O Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, pelas sentenças que está proferindo, está reconhecendo a união entre os homossexuais:

“Foi a câmara presidida por Maria Berenice que, em março do ano passado, reconheceu o direito de ser meeiro a um homossexual que mantinha relação estável com um companheiro. Pelo direito de família, o meeiro tem direito aos bens do companheiro. A decisão, inédita no país, impediu que a filha do parceiro, diante da morte do pai, obtivesse na justiça o direito de ficar com toda a herança” (BIANCARELLI, 2002, p. c3).

Então, a mídia (jornais impressos e televisos) e o ordenamento jurídico estão discutindo a questão homossexual. Acredito que essas discussões devem estar também inseridas na escola para que a identidade homossexual seja respeitada desde cedo e não simplesmente marcada pelo silêncio.

Retornando as questões iniciais deste estudo podemos constatar que os conteúdos desenvolvidos nas aulas de Educação Física da 5ª "A" foram os esportes (atletismo, vôlei, basquete, futebol e handebol), brincadeiras e dança. No que se refere à relação entre os meninos e as meninas nas aulas de Educação Física da 5ª "A" verifiquei que na preparação para a festa junina a maioria dos meninos escolheu o futebol e a maioria das meninas escolheu a dança. Isto tem reforçado que existem atividades femininas e outras masculinas. Denotando a estereotipação das atividades corporais.

Averigüei que antes do início da primeira aula do dia meninos jogavam futebol no ginásio. Alguns meninos da 5ª "A" participavam deste jogo. Os achados deste estudo evidenciam que o futebol é uma das atividades mais praticadas pelos meninos.

Com relação à sexualidade, observei que a brincadeira verdade ou desafio ? está diretamente relacionada com esse tema e que grupos famosos como a Banda Back Street Boys e a dupla Sandy & Júnior despertam o interesse de algumas meninas da 5ª "A".

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Rompendo fronteiras de gênero: marias (e) homens na educação física. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 11., 1999, Florianópolis. **Anais...** Local: Editora, 1999. p. 112-116.

ALTMANN, Helena. Marias (e) homens nas quadras: sobre a ocupação do espaço físico escolar. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.24, n.2, p. 157-173, jul./dez. 1999.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1998.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: _____; PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 607-639.

BIANCARELLI, Aureliano. Pais gays criam filhos sem preconceito: decisões da justiça reconhecendo uniões “fora da lei” favorecem o crescimento de adoções por homossexuais. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 31 mar. 2002. cotidiano, p. c3.

BRITZMAN, Deborah P. O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-95, jan./jun. 1996.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papyrus, 1988.

COSSO, Roberto; GIRALDI, Renata; SUWWAN, Leila. Novo código civil é sancionado após 26 anos. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 11 jan. 2002. cotidiano, p. c3.

ESCÓSSIA, Fernanda. Rio aprova direitos de servidores gays. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 30 nov. 2001. cotidiano, p. c1.

FELIPE, Jane. Infância, gênero e sexualidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n.1, p. 115-131, jan./jun. 2000.

FRAGA, Alex Branco. **Corpo, identidade e bom-mocismo: cotidiano de uma adolescência bem comportada**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GROSSI, Miriam Pillar. A questão do masculino e do feminino para a transformação das relações na sala de aula. In: GROSSI, Esther Pillar; BORDIN, Jussara. **Construtivismo pós-piagetiano**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 124-134.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: _____. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 7-34.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59 –75, jul./dez. 2000.

NEGRINI, Airton. Instrumentos de coletas de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto. **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Universidade/UFRGS/Sulina, 1999, p. 61-93.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: BASSANEZI, Carla; PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 578-606.

ROHDEN, Fabíola. A contribuição da diferença sexual na medicina do século XIX. In: GRANDO, José Carlos. **A (des)construção do corpo**. Blumenau: Edifurb, 2001. p. 101-131.

ROSEMBERG, Fúlvia. A educação física, os esportes e as mulheres: balanço da bibliografia brasileira. In: ROMERO, Elaine. **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papirus, 1995. p. 271-307.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71 –99, jul./dez. 1995.

SOUZA, Eustáquia Salvadora de. **Meninos, à marcha! Meninas, à sombra! A história do ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994)**. Campinas, 1994. 265 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Sistema de Bibliotecas. **Normas para apresentação de trabalhos**. Curitiba, 2000. pt. 2: Teses, dissertações, monografias e trabalhos acadêmicos.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Sistema de Bibliotecas. **Normas para apresentação de trabalhos**. Curitiba, 2000. pt. 6: Referências.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Sistema de Bibliotecas. **Normas para apresentação de trabalhos**. Curitiba, 2000. pt. 7: Citações e notas de rodapé.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Sistema de Bibliotecas. **Normas para apresentação de trabalhos**. Curitiba, 2000. pt. 8: Redação e editoração.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: Louro, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 35-82.